



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-  
BRASILEIRA (UNILAB)  
INSTITUTO DE HUMANIDADES (IH)  
CURSO DE BACHARELADO EM HUMANIDADES**

**VERÓNICA JOSÉ DA SILVA**

**A MATERNIDADE NA FASE DE FORMAÇÃO ACADÊMICA: SITUAÇÃO DAS  
ESTUDANTES AFRICANAS NA UNILAB-CE**

ACARAPE - CE

2019

VERÓNICA JOSÉ DA SILVA

A MATERNIDADE NA FASE DE FORMAÇÃO ACADÊMICA: SITUAÇÃO DAS  
ESTUDANTES AFRICANAS NA UNILAB- CE

Trabalho de conclusão de Curso apresentado à  
Universidade da Integração Internacional da  
Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) como  
exigência parcial para a obtenção do título de  
Bacharel em Humanidades.

**Orientador:** Prof. Dr. James Ferreira Moura  
Júnior

ACARAPE - CE

2019

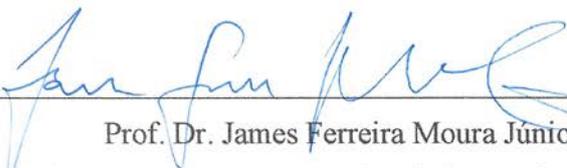
VERÓNICA JOSÉ DA SILVA

A MATERNIDADE NA FASE DE FORMAÇÃO ACADÊMICA: SITUAÇÃO DAS  
ESTUDANTES AFRICANAS NA UNILAB- CE

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)  
apresentado à Universidade da Integração  
Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
(UNILAB) como exigência parcial para a  
obtenção do título de Bacharel em  
Humanidades.

Aprovado em: 05 / 09 / 2019

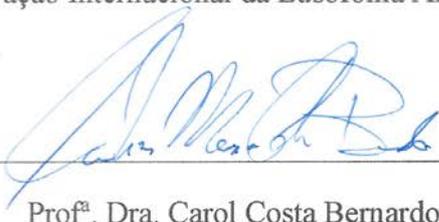
BANCA EXAMINADORA

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. James Ferreira Moura Júnior (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Carlos Subuhana

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

  
\_\_\_\_\_  
Prof.ª. Dra. Carol Costa Bernardo

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

A Deus.

Ao meu filho Christien Pakiny Fernandes da  
Silva Pires.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradeço a Deus, por me conceder a dádiva da vida, por me amar infinitamente e ser meu guia em todos os passos.

Agradeço as minhas mães: Zolana Ventura, Manuela da Silva, Sá Francisca pela educação e todos os ensinamentos passados.

Agradeço ao meu orientador Dr. James Ferreira Moura Júnior pelo acompanhamento de cada passo dessa pesquisa, pelas instruções e toda a atenção.

Agradeço o meu tio Jimmy Gaspar da Silva por ser o alicerce em toda minha vida acadêmica e não só.

Agradeço ao meu esposo Carlos Manuel Pires de Pina por toda paciência, ideias, e acompanhamento na construção do trabalho.

Por fim, agradeço a todos que estiveram envolvidos de forma direta ou indiretamente na produção dessa pesquisa.

*“Ser Mãe é assumir de Deus o dom da criação, da doação e do amor incondicional. Ser mãe é encarnar a divindade na Terra”.*  
*(Barbosa Filho)*

## **RESUMO**

Esta pesquisa terá como objetivo, compreender a maternidade das estudantes internacionais na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB-CE), através das várias ideologias teóricas das questões de gênero, com enfoque a representatividade feminina nos tempos passados e atuais. Aponta-se a maternidade como a base das discriminações sofridas pelas mulheres ao desempenhar papéis de destaque na sociedade, pois entende-se que exista vários obstáculos na vida acadêmica dessas mães. A pesquisa também irá abordar sobre as questões étnico-raciais, porque partimos do pressuposto que cada raça e etnia compreende a maternidade de formas diferenciadas e tratando-se do continente africano que existem inúmeras etnias não poderia ser diferente, cada uma concebe e traz uma compreensão de maternidade de maneiras diferentes. A pesquisa também trará o feminismo negro na sua abordagem uma vez que se tratará de alunas internacionais, abordará como o feminismo negro compreende a luta pela emancipação da mulher negra na sociedade. A pesquisa fará o uso do método qualitativo que compreende as relações, experiências, emoções, sentimentos e pensamento que não pode ser mensurado como na pesquisa quantitativa. A técnica será entrevista narrativa onde as participantes têm a total liberdade de fazer seu relato sem interrupção.

**Palavras-chaves:** Maternidade no meio acadêmico. Gênero Feminino. Questões étnico-raciais. Meio acadêmico. Feminismo negro.

## **ABSTRACT**

This research aims to understand the maternity of international students at the Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB-CE), through the various theoretical ideologies of gender issues, focusing on female representation in past and current times. Motherhood is pointed out as the basis of the discriminations suffered by women in playing prominent roles in society, as it is understood that there are various obstacles in the academic life of these mothers. The research will also address the ethnic-racial issues, because we assume that each race and ethnicity understands motherhood in different ways and in the African continent, there are countless ethnicities could not be different. Each conceives and brings an understanding of motherhood in different ways. The research will also bring black feminism into its approach as it will be international students, as black feminism comprises the struggle for the emancipation of black women in society. The research will make use of the qualitative method that comprises relationships, experiences, emotions, feelings and thinking that can't be measured as in quantitative research. The technique will be narrative interview where the participants are completely free to make their report without interruption.

**Keywords:** Maternity in academia. Female gender. Ethnic-racial issues. Academia. Black feminism.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>2 JUSTIFICATIVA</b>	<b>11</b>
<b>3 OBJETIVOS</b>	<b>12</b>
3.1 Gerais	12
3.2 Específicos	12
<b>4 REVISÃO DE LITERATURA</b>	<b>13</b>
4.1 Gênero	13
4.2 <i>Mulherismo</i> e Feminismo Negro	14
4.3 Raça e etnia	16
4.4 Raça	16
4.5 Etnia	17
4.6 Raça e Etnia no Brasil	18
4.7 Maternidade	20
4.8 Maternidade e a família	21
4.9 Maternidade e meio acadêmico	22
<b>5 MÉTODOS</b>	<b>25</b>
5.1 Tipo de método	25
5.2 Técnicas utilizadas	25
5.3 Local de realização da pesquisa	26
5.4 Descrição das participantes	27
5.5 Procedimentos utilizados	27
5.6 Análises realizadas	28
5.7 Considerações éticas	29
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>30</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>31</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A pesquisa em questão retratará a maternidade: alunas africanas na UNILAB, apresentará maioritariamente as dificuldades, preconceitos, discriminações e os impactos causados tanto no meio acadêmico como no seio familiar.

Não obstante dará ênfase na questão da raça e etnia, pois entendemos que cada raça e etnia concebe a questão da maternidade de maneiras diferenciadas. Sem esquecer do gênero, visto que é um dos elementos mais importantes e gerador de toda esta pesquisa e emergente na sociedade atual, pois existe muitos movimentos que surgiram, em prol da defesa da colocação da mulher nos espaços públicos e de destaque, por tanto, a questão do gênero tornou-se mais complexo de se estudar.

A questão da gestação no ambiente acadêmico é bastante pertinente, principalmente para as estudantes internacionais, visto que, as mesmas se encontram distantes dos países de origem e dos familiares, em busca de um objetivo acadêmico/profissional cursando ensino superior para no entanto voltar aos seus países e ajudar no desenvolvimento.

Com a gestação ou maternidade essas estudantes vêm que os seus objetivos foram frustrados, uma vez que as mesmas passam por várias dificuldades, não só na academia, mas também no seio familiar.

Não obstante poder contribuir com a minha pesquisa em trabalhos futuros, visto que essa questão suscita muitos estudos, muitas quebras de tabus, discriminações e preconceito principalmente no meio acadêmico, ainda mais para estrangeiras.

A razão pela qual fiz a escolha deste tema foi pela minha experiência pessoal, uma vez que me encontro na mesma situação que as estudantes a cima citadas, sou mãe de nacionalidade angolana.

A maternidade no contexto da UNILAB é muito difícil, pois desde o princípio houve uma certa barreira por parte da coordenação do Curso, servidores e até os estudantes, onde não se importavam com o estado com que eu me encontrava, além de comentários desagradáveis e olhares discriminatórios. Comentários do tipo “já está no país dos outros, ainda engravida?! Essas africanas!!”. Vários foram os momentos que eu chegava atrasada na aula e cansada por não conseguir vaga nos intercâmbios e/ou mesmo onde sentar. Após o nascimento do bebê, eu quase reprovei por faltas, porque não teve

uma comunicação entre a coordenação do curso e os professores das disciplinas matriculadas sobre a transição do regime pré-parto (oitavo mês de gestação) para pós-nascimento (prorrogação). Várias tentativas por e-mails enviadas para a Diretoria de Registro e Controle Acadêmico – DRCA, coordenadora do curso e professores, mesmo assim, sem regularização da situação. Tive o apoio do meu esposo, que continuamente pressionava a coordenação e a DRCA, só assim consegui entrar novamente em regime especial (livre de faltas não justificadas), porém as faltas continuaram registradas no SIGAA (Sistema Integrado de Gestão de Atividade Acadêmica).

Na família foi ainda mais conturbado, onde a minha gravidez era vista como uma quebra de objetivos, e ganhei desprezo por ter engravidado sem terminar meu ensino superior, o que complicou e prejudicou muito no meu rendimento acadêmico, pois me encontrava no fim do terceiro semestre. Só amenizava a situação turbulenta que eu me encontrava, o suporte incansável do meu parceiro e de algumas amigas.

Ser mãe é se dividir para dar conta das tarefas domésticas e da universidade, cuidar do filho, família, preservar a amizade e a relação com o meu parceiro. Tem sido muito difícil, cuidar de mim mesma, abdiquei dos meus cuidados próprios. Sinto um desespero às vezes, mas sei também que tenho que me manter firme aos objetivos do qual eu vim a busca e porque tenho comigo um parceiro que me apoia em tudo.

A vida de mãe na UNILAB não é fácil. Tendo que deixar a criança com outras pessoas, porque nem sempre o meu parceiro está disponível. Tenho que lidar com os pensamentos de como está a ser tratado o bebê, torna-se ainda mais difícil se focar nas aulas, por vezes levar o bebê para aula, sendo ele vulnerável a contrair doenças como, pneumonia, gripe, e tosses é realmente desesperador, mas tudo isso se recompensa quando penso que irei dar um futuro melhor ao meu filho alcançando os objetivos traçados.

## 2 JUSTIFICATIVA

Atualmente, com o desenvolvimento da educação e das sociedades, tem se visto cada vez mais mulheres a abdicarem da maternidade em prol das carreias acadêmica e científica, por razões de preconceitos e discriminações que a maternidade na fase de formação acadêmica provoca, portanto torna-se imprescindível discutir essa temática no meio acadêmico, para que se possa desconstruir essas ideologias que envolve a maternidade na academia.

A questão da maternidade no meio acadêmico é muito complexa, seja na graduação como na pós-graduação, as exigências são demasiadas e nem sempre essas mães recebem apoio das instituições, acabando por lidar com as dificuldades (URPIA; SAMPAIO, 2009).

Não obstante, a pesquisa fará uma reflexão das questões de maternidade no contexto acadêmico, especificamente para quem sai do seu lugar de pertencimento como é o caso das estudantes africanas na UNILAB. Os desafios na produção de conhecimento na condição de mãe. Na faculdade ainda há muitas mulheres africanas que acreditam que a gravidez enquanto se está no processo de formação, seja um grande obstáculo.

É importante fomentar nas ciências sociais pesquisas dessa natureza para debater-se em torno dessa questão da maternidade na academia e também no âmbito profissional,

Ao notar a existência de tabus na questão de maternidade preocupou-se em ver possibilidades de dissertar para se compreender como as estudantes africanas encaram a questão da maternidade no contexto acadêmico da UNILAB, analisar o que está na base das inseguranças em torno de ser ou não ser mãe na academia.

### **3 OBJETIVOS**

#### **3.1 Gerais**

Analisar como a maternidade afeta na formação acadêmica das estudantes africanas na UNILAB – CE.

#### **3.2 Específicos**

- Descrever os significados da maternidade para essas estudantes;
- Analisar as dificuldades enfrentadas pelas estudantes africanas na UNILAB;
- Compreender o lugar da universidade na vida das estudantes africanas.

## 4 REVISÃO DE LITERATURA

O seguinte tópico apresenta os principais conceitos em relação a Maternidade e as questões inerentes aos assuntos abordados neste trabalho. Aqui são listadas as teorias necessárias para realização deste estudo, começando pela conceituação do gênero, visto que existe uma interseccionalidade com a maternidade, assunto central do estudo.

### 4.1 GÊNERO

Quando falamos de gênero não estamos apenas nos referindo as diferenças sexuais, mas tudo aquilo que engloba a estrutura social, desde as relações com o outro e com os diferentes contextos historiográficos (SCOTT,1998).

Princípio que transforma as diferenças biológicas entre os sexos em desigualdades sociais, estruturando a sociedade sobre a assimetria das relações entre homens e mulheres. Usar “gênero” para todas as referências de ordem social ou cultural, e “sexo” para aquelas de ordem biológica (BRUSCHINI, 1998, p.89).

Segundo Kergoat (2005), o gênero é o sistema social que organiza a diferença entre os sexos de maneira hierarquizada, e a noção de relação social de sexo serve para pensar a dinâmica deste sistema. As relações de gênero (feminino e masculino) sempre foram construções sociais em que a mulher está sob às ordens do homem em uma sociedade patriarcal em que a mulher não tem voz nenhuma sobre as decisões tomadas na sociedade.

A história da mulher na sociedade nunca foi bem vista aos olhos daqueles que acreditavam ser o dono do sistema (o homem), a mulher muito teve que lutar e continua a lutar para ocupar cargos mais significativos e com maior importância na sociedade. Mesmo depois de muito tempo de luta e reivindicações essa ideologia ainda perdura, causando sequelas até nos dias de hoje (KERGOAT,2005; CARNEIRO, 2010).

Torna-se claro que machismo e racismo têm andado de mãos dadas, onde a representatividade da mulher na sociedade segundo Carneiro (2010) tivera sido limitada, principalmente quando se tratava de “mulher” e “negra”. Muitas conferências foram feitas para a discussão dos seus direitos, a presença feminina desde os tempos remotos sempre foi negada. Carneiro (2010) faz uma interseccionalidade entre ser mulher e negra

num contexto em que havia muito racismo e discriminação, na qual a mulher era vista apenas como mãe, esposa e cristã.

Para (Bourdieu, 2002 p.23) “A dominação masculina encontra, assim, reunidas todas as condições de seu pleno exercício”. Nesse sentido torna-se nítido o poder do homem sobre a mulher em suas mais variadas formas de comportamentos

Santos (2010), entende que embora seja novo na sociedade a questão de gênero, a diferença entre o homem e mulher já carrega um viés histórico muito grande, pelo fato de ser mulher. As mulheres diariamente estão expostas a hierarquização do homem, exclusão no cumprimento de papéis de destaque na sociedade, apesar de que a mulher tenta superar as desigualdades que existe entre os dois gêneros. Amaral (2001) acredita que a ideologia que mantém essas desigualdades entre homens e mulheres é uma construção social do homem para oprimir a mulher e continuar com a dominação sobre ela.

As feministas entendem as qualidades ditas masculinas ou femininas como conquistas coletivas não de um ou outro sexo como a sociedade pressupõe. (OLIVEIRA e KNÖNER, 2005 apud PRAUN, 2011)

Beauvoir (1970) também tece suas considerações sobre a dominação masculina, afirmando que os discursos do homem para essas desigualdades existem por causa a própria natureza feminina da mulher, ou seja, o ser mulher por si só já constitui um fator que acaba contribuindo para a sua dominação.

Bourdieu (2002, p.20) baseou-se “nas diferenças biológicas e estruturais para justificar as ideologias socialmente construídas entre os gêneros” (masculino, feminino). Bourdieu (2002) compreende que a mulher sempre foi posta de fora em toda existência, ou seja, de todos os papéis que são considerados importantes na sociedade.

#### 4.2 MULHERISMO E FEMINISMO NEGRO

Neste subtema abordaremos um pouco sobre a questão do *mulherismo* e feminismo negro, que alguns autores defendem como sendo a mesma coisa tendo em vistas suas reivindicações similares.

Segundo Collins (2017) a questão do feminismo negro é diferente do feminismo branco, pois essas mulheres lutam por direitos que reflete a realidade dos grupos de

mulheres negras. Elas quebraram o silêncio e passaram a emitir suas vozes prestando seu ponto de vista sobre o *mulherismo* negro que também é chamada de feminismo negro.

Estes termos são idênticos uma vez que os mesmos velam pela auto definição autodeterminação das mulheres negras (WALKER, 1983 apud COLLINS,2017).

Feminismo negro é por vezes referido como Mulherismo porque ambos estão preocupados com as lutas contra o sexismo e o racismo enfrentados pelas mulheres negras, que também são parte dos esforços da comunidade negra para alcançar a igualdade e liberdade (OMOLADE, 1994, p.20 apud COLLINS, 2017).

O *mulherismo* está na base das questões de opressão racial e de gênero das mulheres negras ao passo que o feminismo branco não leva em conta a diversidade das questões que assolam mulheres negras. O feminismo negro vem defender esses direitos inerentes e reivindicado pela coletividade de mulheres negras, pois para além dessas mulheres enfrentarem discriminação pelo gênero também sofrem exclusão pela tonalidade de sua cor (WALKER,1983 apud COLLINS, 2017).

Aquele homem ali diz que é preciso ajudar as mulheres a subir numa carruagem, que é preciso carregá-las quando atravessam um lamaçal e que elas devem ocupar sempre os melhores lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! E não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para meu braço! Eu capinei, eu plantei, juntei palha nos celeiros e homem nenhum conseguiu me superar! E não sou uma mulher? Eu consegui trabalhar e comer tanto quanto um homem – quando tinha o que comer – e também aguentei as chicotadas! E não sou uma mulher? Pari cinco filhos e a maioria deles foi vendida como escravos. Quando manifestei minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus, me ouviu! E não sou uma mulher?” (TRUTH, 1851apud RIBEIRO, 2016, p.100).

Existe ainda um cruzamento entre as mulheres brancas e negras quando a sociedade pensa a questão da mulher. Ela pensa no padrão da mulher branca e não na diversidade, ou seja, na existência da mulher negra. Enquanto que as mulheres brancas lutavam para ter direito ao voto, aos mesmos cargos que os homens, as mulheres negras na época eram inexistentes, elas lutavam ainda para serem notadas como pessoas (TRUTH,1851apud RIBEIRO,2016).

CRENSHAW (1989 apud RIBEIRO,2016) enfatiza como se deve pensar a interseccionalidade e menciona que as questões de opressão não podem ser pensadas de

maneiras separadas pois existe uma relação interseccional entre raça, classe e gênero dada a sua indissociabilidade uma vez que se dá através da eles se dão através da dinâmica da opressão.

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras (CRENSHAW, 1989, p.177).

Estando inclusos numa sociedade de herança escravocrata, patriarcal e de desigualdades de classe, gênero e raça, torna-se necessário falarmos sobre as questões do feminismo negro para que possamos pensar em novas formas de desconstruir conceitos antigos (RIBEIRO,2016).

#### 4.3 RAÇA E ETNIA

Esses dois conceitos estão longe de ser algo novo e suas definições já mereceram várias páginas na teoria social. Às vezes, a depender do autor, das suas referências e os objetivos dos seus trabalhos, esses conceitos são considerados como sendo conceitos diferentes e noutros casos como sendo iguais.

Raça e Etnia são conceitos que podem ser trabalhadas de formas separadas, igualmente a alguns autores como Christian Karner na sua obra: *Ethnicity and Everyday Life* (2007), Elizabeth Baisley na sua obra: *Genocide and constructions of Hutu and Tutsi in radio propaganda*.

#### 4.4 RAÇA

O conceito de raça surge para classificação das espécies, animal e vegetal como afirma Munanga, porém o ser humano usa a raça para fomentar desigualdades raciais baseando nos aspetos físicos entre os povos, principalmente os povos africanos, quilombola e indígenas.

Etimologicamente, o conceito de raça veio do italiano *razza*, que por sua vez veio do latim *ratio*, que significa sorte, categoria, espécie. Na história das ciências naturais, o conceito de raça foi primeiramente usado na Zoologia e na Botânica para classificar as espécies animais e vegetais (MUNANGA, 2013, p.1).

Não se poderia falar da raça sem mencionar a teoria crítica da raça que compreende a maneira quanto a raça perpetua ideologicamente a subordinação racial-étnica e age em benefício de um único grupo (dominante). A mesma enfatiza a importância de se enxergar as políticas práticas dentro de um contexto histórico cultural para descobrir seu significado. Ela questiona conceitos liberais predominantes como a da neutralidade racial e da meritocracia (PARKER; ROBERTS,2015).

Fenótipo da pele mais escura se associava a essas características para menosprezar sua inteligência, suas capacidades e habilidades. Tratando-os como inferiores para assim continuar a dominar os negros submissos a raça ariana (MUNANGA, 2013).

Munanga (2013), compreende que o conceito de raça está intrinsecamente ligado as ideologias impostas pela sociedade como forma de inferiorização e dominação ao negro.

Alguns estudiosos como Antônio Sérgio Guimarães entende que a categoria raça é uma construção sociológica, uma crença presente no comportamento humano capaz de distribuir desigualmente vantagens e desvantagens às pessoas em virtude do modelo de classificação racial existente na sociedade (SILVA e SOARES, 2011. p.105).

#### 4.5 ETNIA

Tendo em conta que a base da pesquisa será a entrevista com alunas africanas que estão ligadas a maternidade, é importante realçar aqui, que em África existem inúmeras etnias o qual, cada uma delas compreende a questão de maternidade de formas diferenciadas, não obstante Munanga(2013) traz nessa subcessão a compreensão do que corresponde a uma etnia.

Uma etnia é um conjunto de indivíduos que, histórica ou mitologicamente, têm um ancestral comum; têm uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão; uma mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território (MUNANGA, 2013, p.12).

Munanga (2013), entende que normalmente se usa a raça para manipular as populações já antes manipuladas pelo sistema colonial. No entanto, atualmente usa-se a etnia e as diferenças culturais e identitárias para a prática da exclusão ou inferiorização da população negra da sociedade.

A maioria dos pesquisadores brasileiros que atuam na área das relações raciais e Inter étnicas recorrem com mais frequências ao conceito de raça (MUNANGA, 2013). Felizmente os pesquisadores buscam este termo para afirmar a identidade cultural do povo negro e explicar, quebrar os tabus existentes na sociedade em relação ao povo negro que toda sua história se faz um paralelo com o seu passado do escravismo.

Existe uma interseccionalidade entre a raça e etnia, estando a raça ligada as questões biológicas e etnia ligada as questões socioculturais

#### 4.6 RAÇA E ETNIA NO BRASIL

O passado das questões raciais deu-se através do colonialismo em que vários povos saiam de vários cantos da África como Moçambique, Angola, São Tomé, Congo, Guiné etc. para substituir os índios no Brasil, uma vez que os Índios não tinham resistência suficiente para realização de trabalho esforçado.

Para os colonizadores existia apenas o negro, não os negros, visto que os negros vinham de toda a parte de África, todos obedientes a diferentes tradições e religiões, diversidade cultural. Afinal, pertenciam em etnias diferenciadas, porém os colonizadores só queriam saber do negro como mercadoria, ou seja, queria apenas usufruir das suas capacidades produtivas (RAMOS, 1979).

Durante todo o processo colonial a religião teve uma influência muito forte na dominação dos povos negro no Brasil, uma vez que através dela se dava a dominação de um povo (negro) em benefício do outro (branco).

Weber (2003), reitera:

Para um tempo em que o além significava tudo, quando a posição social de um cristão dependia de sua admissão à comunhão, os clérigos, com seu ministério, a disciplina da Igreja e a pregação exerciam uma influência que nós, homens modernos, somos totalmente incapazes de imaginar. Naquele tempo as forças religiosas que se expressavam por esses canais eram as influências decisivas na formação do caráter nacional. (WEBER, 2003, p.117)

Guimarães (2008), afirma que toda a história do negro escravizado foi desprezada e desrespeitada no Brasil sendo que vinham negros de todas as nações de África, carregados de hábitos, costumes, tradições, religião sendo lhes imposto á aculturação, negando toda a existência até mesmo sua história, tendo a ideologia de que os povos advindos da África eram antiquados e primitivos. O dominador é quem ditava todas as regras enquanto que os dominados tinham de cumprir. Mas isso depois de muita resistência e luta por parte da comunidade negra, pois defendiam suas terras, crenças costumes, tradições enfim, suas cultura, seus territórios.

Desde sempre o homem necessitou do seu próprio território, seja de caráter material ou simbólico. O território de cada indivíduo é o que melhor o identifica, dado que é o território que ajuda e condiciona a construção da identidade de cada indivíduo. A libertação dos escravos no Brasil só ocorreu definitivamente em 1888, quando foi assinada a Lei Áurea, abolindo a escravidão no país. Segundo Acelard (2014) quando a comunidade pensa em fazer sua própria cartografia, elas não querem apenas retrato ou espaço, mas afirmar seus modos de vida.

Não se pode falar do processo de escravidão sem mencionar os quilombo que são movimentos amplo e permanente que se caracteriza pelas vivência dos povos africanos que se recusavam à submissão, à exploração, à violência do sistema colonial e da escravidão formas associativas que se criavam em florestas de difícil acesso para o colonizador, com defesa e organização socioeconômica e política para própria sustentação da continuidade africana através de genuínos grupos de resistência política e cultural. (NASCIMENTO, 1980, p.32). A partir desse conceito podemos afirmar que, não obstante dos escravos fugirem dos maus tratos, também houve a necessidade de criar seus próprios territórios onde pudessem primeiramente, se sentir à vontade e ter a oportunidade de manifestar suas crenças, rituais, costumes, tradições e praticar suas religiões e culturas.

“A vida é um constante movimento de desterritorialização e reterritorialização, ou seja, estamos sempre passando de um território para outro, abandonando territórios, fundando outros” (HAESBAERT, 2004.p.138 apud LAMEIRAS, 2013 p.3)

Na medida que um indivíduo sai de um território ao outro, conseqüentemente terá que se adaptar a novos costumes, novos hábitos e comumente a reconstrução sua identidade. Sendo assim a UNILAB, surge então como porta de entrada de estudantes

internacionais, sendo uma Universidade da integração com cariz internacional. Assim sendo, é importante conhecer a história e a política criada para compreensão do porquê desse movimento espacial de des-re-territorialização<sup>1</sup> desses estudantes, e também da efetivação do processo de des-re-territorialização desses estudantes no Brasil (Acarape-Redenção). E para a sua consolidação, ao nosso ver, é necessário o papel da sociedade civil, das instituições dedicadas a prestar assistência a estes estudantes africanos em situação mais vulneráveis, e que infelizmente acabam por sofrer racismo, discriminações e preconceitos durante todo este processo de formação, Guimarães (2016) reitera que a questão da raça sempre foi um marcador primordial para o destino de qualquer negro no Brasil.

#### 4.7 MATERNIDADE

Nesta subseção abordaremos a questão da maternidade visto que existe ainda muitos tabus relacionados a essa temática, será importante relacionar teorias que discutem sobre a maternidade visto que cada vez mais tem suscitado muitos questionamentos.

A maternidade sempre foi vista como um fenômeno natural e obrigatório da mulher e nunca tinha sido levada a sério no que concerne aos interesses sociopolíticos e econômicos. Só em meados do século XVIII houve a revolução das mentalidades femininas no que tange as reivindicações de seus direitos, ainda que tardasse a sua aplicação na prática (BADINTER, 1985, p.145)

A mulher passou a assumir além das funções relacionadas aos cuidados essenciais à sobrevivência, a tarefa de educadora e, muitas vezes, a de professora. À medida que aumentava as responsabilidades maternas com relação aos filhos, aumentava o sentimento de sacrifício materno em relação a estes e à família, criando um modelo social, incentivado pelo discurso médico e filosófico da época, de como deveria fazer uma mãe. (MOURA e ARAÚJO, 2004 apud FARIA, 2015, p.12).

Zimmermann, e Colaboradores,2001 apud Faria (guh2015) colocam que com a emancipação da mulher, gerou sua independência profissional com a sua colocação no

---

<sup>1</sup> Reterritorialização é um movimento constante de construção do território e de novas formas de identidade, tanto simbólica, econômica etc.

Desterritorialização acontece quando um indivíduo ou grupo procura novas formas de territórios

mercado de trabalho. Por essa razão, a mulher acaba por entrar em conflito com a questão de ser mãe, função reprodutora natural, e exercer o papel social de trabalhadora. Ela fica dividida entre cuidar de si mesma e dos seus interesses sociais (como mulher) e cuidar do filho, que acaba por constituir um dilema, entre ser mãe e continuar com o seu papel social.

A gravidez representa para a mulher sentimentos de realização por ter se tornado verdadeiramente uma mulher, uma vez que a sociedade tende a valorizar, estimular e cobrar muito a fertilidade e a maternidade. Desta forma, a fertilidade se associa intimamente à autoestima de uma mulher, quando esta tem a certeza de uma gravidez, ela obtém a prova para si e para a sociedade da sua feminilidade (ZIMMERMANN e Colaboradores in EIZERIK, 2001 apud FARIA, 2015, p.18)

No que diz respeito a maternidade, nos tempos atuais é comum o questionamento sobre maternidade pois a mulher conquistou lugares significativos na sociedade, gerando assim conflitos, sobre o que seria ser mãe, o que representa ser mãe, pois existia na sociedade uma regra no que seria ser mãe, criando assim tensões ao invés de simplesmente simplificar a questão maternal (Hrdy 2001, apud Faria 2015).

As mulheres encontravam-se divididas entre as novas ideias de emancipação e as tradicionais imposições feitas pela sociedade arcaica que lhe impunha o dever santo de mãe e esposa, as quais defendiam que o lugar da mulher deveria ser o espaço doméstico. As reformas educacionais aconteciam, mesmo sem aprovação da igreja católica que detinha o papel de direcionar a moral e os bons costumes das moças e senhoras da sociedade (CASTELO BRANCO, 2005 apud AMORIM, 2012).

#### 4.8 MATERNIDADE E A FAMÍLIA

A maternidade é um fenômeno social, marcado pelas desigualdades de gênero, etnia-raça e de classe. Decorre disto que as mudanças e implicações sociais da realização dessa experiência não atingem da mesma forma todas as mulheres, países e culturas, apesar de existir um modelo de maternidade preponderante nas sociedades ocidentais contemporâneas, que tem como características gerais proles reduzidas e mães que trabalham fora (SCAVONE, 2001). O fenômeno da maternidade atinge de forma diferente de acordo com a cultura, classe social, desigualdade social. Nota-se que na antiguidade a maternidade era vista como benéfico para continuação das gerações e

garantia da velhice dos pais, fora a produtividade do campo no que concerne a plantações, uma vez que a mulher não ocupava espaço público na sociedade.

No entanto, no decorrer dos tempos já com algumas instruções a mulher passou a repensar sobre ter ou não filhos, porque com novos papéis que desempenhava na sociedade. Ou seja, uma possível inclusão a mulher ficava dividida, pois era uma fase que finalmente começaram a conquistar seus direitos na sociedade (SCAVONE, 2001).

O advento da modernidade e de suas conquistas tecnológicas, sobretudo no campo da contracepção, e mais recentemente da concepção, trouxe às mulheres uma maior possibilidade na escolha da maternidade e abriu espaço para criação do dilema de ser ou não ser mãe. Um dos elementos que viabilizou a escolha da maternidade foi, sem dúvida, a contracepção moderna. (SCAVONE,2001, p.50)

Analisando a experiência da maternidade entre as mulheres francesas, (FERRAND 1994, apud SCAVONE,2001) assinala uma relação entre a idade de as mulheres terem o primeiro filho e o meio social das mesmas, constatando que as francesas têm seus filhos principalmente na faixa dos 25-35 anos.

O primeiro nascimento é mais adiado quanto mais elevado é o nível de formação da mãe” (...) A decisão de ter um primeiro filho às vezes é um problema de calendário; a de ter um segundo depende de outro registro. Cerca de uma mãe em seis não deseja o segundo filho, entretanto, ter dois filhos parece ser um ideal para a grande maioria dos casais (FERRAND 1994, p.83 apud SCAVONE, 2001).

#### 4.9 MATERNIDADE E MEIO ACADÊMICO

Para Paim (1998, apud REIS, 2017), a gravidez e a maternidade não são apenas fenômenos biológicos, mas, também, fenômenos do contexto sociocultural, e afetivo. Ainda que a gravidez ocorra dentro do corpo da mulher, as responsabilidades e os significados são construídos dentro do contexto social em que a gestante está enquadrada. A universidade, por sua vez, tem papel fundamental e de grande importância no decorrer da busca pela ascensão pessoal e profissional da mulher, se tornando um suporte para alcance do objetivo.

Bourdieu (2002, p. 45) diz que “a primazia universalmente concedida aos homens se afirmar na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão sexual do trabalho de produção e reprodução

biológica e social, que confere aos homens a melhor parte”. Por outras palavras, quando há situação de gravidez as sequelas e dificuldades recaem sobre a mulher ainda que os dois sejam estudantes.

A participação do pai durante todo o processo da gravidez, não o faz abdicar de seus afazeres sociais. Ou seja, não para de fazer ou desempenhar seu papel social como acontece com a mulher que tem de ficar com o bebê 24 horas e se afastar do ambiente social para a vida particular, afirmando assim mais uma vez a dominação do homem na sociedade reitera (BOURDIEU, 2002).

A mulher atual, devido os espaços já conquistados no que diz respeito a representatividade social, ainda tem muitas dificuldades em conciliar a vida laboral e a maternidade (família). E torna-se num dilema para a mulher conciliar a vida laboral e a maternidade (família), pois ela passa a sentir-se sobre carregada, sem tempo para cuidados estéticos e de sua saúde e nem sempre o parceiro está disponível para apoiá-las (SINA, 2005 apud SILVA e CERIBELI, 2017)

Apesar de já terem conquistado vários espaços nas dimensões sociais, existem mulheres que abdicaram da sua vida familiar para cuidar exclusivamente de suas carreiras e os estudos. Também há mulheres que desistiram parcialmente das carreiras profissionais para se dedicarem à maternidade, pois ainda existe a dominação social que associa a mulher a maternidade causando assim um grande conflito ou indecisão. (PATIAS; BUAES, 2012 apud SILVA; CERIBELI, 2017)

Scavone (2004 apud FABBRO; HELOANI,2010) afirma que o fenômeno biológico de maternidade se constitui a partir de interesses políticos, sociais econômicos, pois entende-se que a maternidade vem atrapalhar na atividade social das mulheres porque durante este processo a mulher para de efetivar suas atividades profissionais e acadêmica percebendo-se assim uma queda no rendimento.

Nesse sentido, até na produção acadêmica não acontece de forma diferente, há uma incompreensão por parte de algumas entidades institucionais quanto a questão de maternidade no meio acadêmico por estudantes internacionais, por isso a pesquisa tentará compreender através dessas teorias, se o fator casa ou lugar de origem pode estar interligado a essas discriminações ou se de alguma forma gestação no meio acadêmico pode dificultar na construção do conhecimento dessas estudantes.

O estrangeiro é o indivíduo que “não pertence imediatamente ao espaço”. Ainda que seja um elemento do grupo, é também “um elemento do qual a posição imanente e de membro compreendem, ao mesmo tempo, um exterior e um contrário” (SIMMEL, 2005, p. 265).

As dificuldades das mulheres gestantes internacionais são notórias principalmente quando se trata de questão do atendimento médico, bancários ou assentos em ônibus públicos. Raramente presencia-se indivíduos a solidarizarem-se com essas mães internacionais nesses espaços, desviando o olhar quando se trata de ceder seu lugar para essas mães internacionais, uma vez que se leva muito em conta questões raciais e o estrangeirismo. Quando cede vem com questionamentos de deboche sobre o país de origem e a língua falada. Vê-se nitidamente como a questão racial (pele escura) e a questão internacional (africanas) influencia no atendimento das mulheres internacionais grávidas no meio acadêmico por alunas internacionais. A gravidez no meio acadêmico já é censurada, por si só, mas para quem é internacional a situação é bem pior.

## 5 MÉTODOS

### 5.1 TIPO DE MÉTODO

Esse projeto fará uso da pesquisa qualitativa, que trabalha com uma abordagem que capta as experiências, relações, comportamentos, emoções, expressões culturais e movimentos sociais. Desse modo, não se usam dados estatísticos como no método quantitativo. Os dados não significam números, mas uma interpretação que ajudará a fomentar o aparato teórico, através de imagens, recursos audiovisuais, documentos e entrevistas (STRAUSS; CORBIN, 2008). Esse tipo de método visa extrair a significação que um dilema social pode ter na vida dos indivíduos e como estes podem perceber as multífaces da situação que está enfrentando, para tanto, faz-se o uso de estratégias de investigação. (CRESWELL, 2010)

A pesquisa qualitativa se caracteriza por tratar questões de forma singular aos indivíduos e na compressão das vivências coletivas e de grupo contextualizando assim a realidade na qual está inserido o indivíduo, ela procura também, analisar e compreender a realidade que não pode ser quantificada (MUYLAERT, 2014).

A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. Assim, os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa (GOLDENBERG, 1997, p. 34 apud CÓRDOVA, 2009, p31).

### 5.2 TÉCNICAS UTILIZADAS

O projeto em foco fará uso da entrevista narrativa, estruturada que para Fritz Schulz, é um dispositivo de produção e análise de dados para pesquisas que, pela sua especificidade no desenvolvimento de textos, onde o participante tem a total autonomia em seu relato, para contar sua história de vida de forma livre. Nesse tipo de técnica começa-se como um diálogo com o entrevistado, posteriormente se fará uma questão geradora mais extensa, que através dela tentaremos produzir uma narrativa relevante a

questão da pesquisa, para que seja conseguido o objetivo. (MOURA e NACARATO, 2017; FLICK, 2013).

A narrativa pode levar com que as estudantes mães da pesquisa expressem vários sentimentos, e tem característica sensibilizatória e fazer com que o ouvinte assimile as experiências do relato como as suas próprias experiências, o pesquisador, aqui o pesquisador encontra-se numa posição neutra, abre-se também para várias possibilidades interpretativas numa mesma situação para além de fechar-se aos questionamentos.

“Tendo em vista que os processos macro são formados por ações individuais, a partir da técnica de entrevistas narrativas pode-se evidenciar aspectos desconhecidos ou nebulosos da realidade social a partir de discursos individuais”. (MUYLAET, 2014, p.194).

Roteiro de perguntas

Você poderia me contar sua vida como se fosse um roteiro de filme ou novela?

Porque você está no Brasil e na Unilab?

Você é mãe ou está grávida? Me conta como isso aconteceu?

Que significado tem a maternidade na sua vida?

Como você concebe a questão da maternidade?

Qual foi a primeira coisa que você pensou quando engravidou?

Como você percebe as discriminações sofridas por mulheres grávidas e mães de filhos recém nascidos no contexto acadêmico? Como você tem lidado?

Existem obstáculos? Como você percebe? para continuar estudando na unilab no período da gravidez e da amamentação?

Como você lida com dificuldades em conciliar a vida acadêmica com a familiar?

Como foi a reação dos seus familiares ao contares da gravidez?

### 5.3 LOCAL DE REALIZAÇÃO DA PESQUISA

“A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) nasce baseada nos princípios de cooperação solidária. Em parceria com outros países, principalmente africanos, a UNILAB desenvolve formas de crescimento econômico, político e social entre os estudantes, formando cidadãos capazes de multiplicar o aprendizado” UNILAB,2019.

A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, dá oportunidades de formação acadêmica e empregabilidade a milhares de pessoas, nela este processo estão envolvidas/dos, técnicos, estudantes, professores, entre outros.

É um projeto único, dada sua cooperação com os Países africanos de língua Oficial portuguesa e Timor Leste, para além de abarcar ou amparar as comunidades invisibilizada pela sociedade, nela podemos encontrar estudantes de todo canto do Ceará.

Encontra-se no Estado de Ceará, e na (Bahia campus do Malês) na cidade de Redenção e Acarape dispondo de três campos Universitários, são eles: Campus dos Palmares, Campus das Auroras e Campus de Liberdade. A UNILAB, leciona os cursos de Bacharelado em Humanidades, Letras, Administração pública, Eng. Agrônoma, Eng. de Energias, Enfermagem, Matemática, Física, Química entre outros. Quantitativo geral de 5.402 estudantes (ASSECOM, 2019).

A pesquisa será realizada nesses três Campus, Palmares, Campus do Liberdade e Campus das Auroras, numa de suas salas por se tratar de espaços de maior concentração de estudantes na condição de mãe, de forma mais detalhada na subseção a seguir.

#### 5.4 DESCRIÇÃO DAS PARTICIPANTES

Pretende-se nesta pesquisa, entrevistar quatro mulheres de nacionalidade africana, na faixa etária dos 18 os 35 anos de idade, ligadas a maternidade, vinculadas a UNILAB.

Os critérios de exclusão se darão no fato de não serem aceitas mulheres abaixo de 18 anos de idade, que não se encontram em situação de maternidade, e também não poderão participar mulheres que não sejam africanas.

#### 5.5 PROCEDIMENTOS UTILIZADOS

O ambiente será observado, analisado nos campus. Depois de serem feitas as observações, e das participantes estarem familiarizadas com o ambiente, haverá o contato, conseqüentemente será feita a ponte entre a pesquisadora e as participantes. As entrevistas serão feitas nos três campos da Universidade dependendo da disponibilidade das participantes e onde elas poderão se sentir melhor ou mais à vontade para expressarem suas emoções sentimentos e pensamentos.

A pesquisa será realizada num ambiente descontraído, para que as participantes se sintam à vontade para a conseguirmos obter o resultado esperado pela pesquisa. Será utilizado um gravador para melhor seleção do conteúdo e melhor resultado da pesquisa, mas claro anteriormente se fará uma petição as participantes de maneiras que elas não fiquem constrangidas pela presença do aparelho gravador durante a entrevista (BAUER E GASKEL2003).

Será feita a transcrição tal e igual, ou seja, detalhada como sucedeu a entrevista. Não se fará apenas perguntas e respostas seguindo o roteiro pois poderá atrapalhar a fruição natural da entrevista. O controle demasiado das perguntas pode tornar a situação mecanizada, irá se verificar o local. Não se fará a entrevista em locais com ruídos para que o aparelho gravador consiga captar as emoções, ambientação e o clímax durante a entrevista e conseqüentemente podermos obter uma gravação clara sem que haja dificuldades na percepção durante a transcrição, será planejado o tempo para transcrição pois necessita-se de muito tempo para fazê-la, se fará uma leitura atenta juntamente com a escuta da fita como primeiro passo para análise. (BAUER E GASKEL2003)

## 5.6 ANÁLISES REALIZADAS

Nesse tipo de técnica começa-se como um diálogo com o entrevistado, posteriormente se fará uma questão geradora mais extensa, que através dela tentaremos produzir uma narrativa relevante a questão da pesquisa, para que seja conseguido o objetivo. (MOURA e NACARATO, 2017; FLICK, 2013). Será selecionado o material e as partes relevantes a resolução da pesquisa. Nessa análise de conteúdo as análises repetidas serão omitidas e reduzidas através material parafraseado que permite a combinação de redução do material de modos a não transformar o material em incoerente (MAYRING, 1983 apud FLICK, 2009).

Por ser verdade que através da entrevista narrativa, emergem histórias de vida, tanto do entrevistado como as entrecruzadas no contexto situacional, facilita então a atuação desse projeto, que tem como um dos objetivos específicos analisar as dificuldades vivenciadas pelas estudantes africanas na UNILAB, de forma a encorajar e estimular o sujeito entrevistado a contar acontecimentos importantes, colaborando assim na execução do projeto. (MUYLAERT, 2014)

Análise será feita por categorização que vai consistir em analisar os acontecimentos que as entrevistadas vão relatar de suas experiências com a maternidade durante a entrevista

Pois entende-se que nessa fase de maternidade é feita de diversos acontecimentos, emoções e sentimentos difusos, que podem ser positivos, negativos ou mistos, portanto iremos separar as categorias em sentimentos positivos, sentimentos negativos e sentimentos mistos.

## 5.7 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Considerando a resolução N 466, de 12 de dezembro de 2012 que trata da pesquisa envolvendo seres Humanos os nomes das participantes não serão revelados na pesquisa para salvaguardar a sua identidade, privacidade e integridade.

Na Resolução Nº 466 de 12 de dezembro de 2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) que preza pelos princípios éticos e legais a respeito da dignidade humana na participação de pesquisas (BRASIL, 2013). Para sigilo das informações obtidas será aplicado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE. Na qual requer a aprovação das estudantes mães africanas na pesquisa.

No ato do convite para participar deste projeto, as participantes serão informadas a respeito de todo o processo da pesquisa, sendo apresentada a autonomia de afasta-se do projeto a qualquer momento, livre de quaisquer penalização, bem como total voluntariedade e sem gastos nenhum. Será mantido o sigilo das informações, de toda a gravação, transcrição e até mesmo qualquer conversa informal a respeito, sendo apenas utilizadas para a implementação do estudo.

Mesmo com desconfortos e riscos às participantes, tais como constrangimento por abordar temas relacionados a maternidade do meio acadêmico, este estudo também

apresentará benefícios para o desenvolvimento da ciência, às mães e universitárias a respeito do conhecimento sobre questões de maternidade na fase de formação acadêmica.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar como a maternidade afeta na formação acadêmica das estudantes africanas na UNILAB-CE constitui um dos objetivos centrais desse projeto de pesquisa, pois compreende que a questão da maternidade no meio acadêmico ainda é rodeada de censuras, motivo pelo qual torna-se extremamente necessário discutir essa temática durante o processo de elaboração do projeto, durante a elaboração da pesquisa, encontrei várias situações que noutro nunca havia dado devida importância, aprendi bastante sobre várias questões. Como a de maternidade. Percebi através da minha própria experiência pessoal e desta pesquisa, que acabou por contribuir ainda mais para o meu aprendizado, às vezes que muitas têm que renunciar a sua formação acadêmica, profissional e cuidados consigo mesmas para priorizar a família.

Sobre a questão de gênero feminino pude entender como as construções foram feitas, e como se velou apenas em ouvir um lado da história que foi a do homem e o quanto a representatividade feminina vem sendo negada ao longo dos tempos. Percebi a através da pesquisa a importância de continuar lutando e reivindicando os direitos das mulheres na sociedade. Pude compreender mais sobre as lutas das mulheres e sobre seus direitos, e de como essas reivindicações são antigas. Sobre as questões raciais, que vêm sendo debatido atualmente em vários espaços, não só dentro das Universidades, mas também em rodas de conversas, congressos e pelos vistos estes debates estão longe de terminar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACSELRAD, Henri. **Sobre os usos sociais da cartografia**. 2010. Disponível em: [encurtador.com.br/eRX23](http://encurtador.com.br/eRX23). Acessado em: 27 de março de 2019.

ALEGRE, Alana. Porto. **Expectativas Profissionais após-maternidade**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de psicologia, Porto Alegre 2011.

AMORIM, Teresa Cristina Sousa. **A formação acadêmica das mães universitárias do campus clóvis moura: um olhar para a qualidade**. Campina Grande, Realize Editora, 2012.

ASSECOM - UNILAB em números. Disponível em: [encurtador.com.br/bptyz](http://encurtador.com.br/bptyz). Acessado em: 20 de julho de 2019.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: O mito do amor materno**. Rio de Janeiro, RJ. Editora: Nova Fronteira.1985.

BAISLEY, E. **Genocide and constructions of Hutu and Tutsi in radio propaganda**. In: Race & Class. Londres7: Institute of Race Relations, 2014.vol. 55(3). p. 38-59

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. CIP-Brasil. Catalogação na fonte Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ, 2002.

BRUER, Martin w; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BRUSCHINI, C.; ARDAILLON, D. **Tesouro para estudos de gênero e sobre mulheres**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1998.

BRUSCHINI, Cristina; ARDAILLON, Danielle. **Tesouro para estudos de gênero e sobre mulheres**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1998.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil**. Editora: Selo Negro. 2010.

CARVALHO, Marília Pinto; PINTO, Regina Pahim. **Mulheres e desigualdades de gênero**. Fundação Carlos Chagas. Editora Contexto.2008.

CASTRO, Cláudia M.(org.). **Atenção ao parto de mulheres estrangeiras em uma maternidade pública de São Paulo**- Civitas, Rev. Ciênc. Soc. vol.15 no.2 Porto Alegre Apr. /June ,2015.

CERIBELI, Harrison Bachion; SILVA, Edlane Regis da. **Interrupção voluntária da carreira em prol da maternidade**. RPCA | Rio de Janeiro | v. 11 | n. 5 | out./dez. 2017 | 116-139 |

UNILAB. Como surgiu. Disponível em: <http://www.unilab.edu.br/como-surgiu>. Acessado em: 15 de junho de 2019.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Estudos Feministas, Anual, 2002.

CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. – Porto Alegre: Artmed, 2010.

DAVIS, Ângela. **Mulher, Raça e Classe**. 1ª publicação na Grã-Bretanha pela The Women's Press, Ltda. Em 1982.

ESPONILA, Priscilla Feres. **A experiência da Maternidade no Cárcere: Cotidiano e Trajetória de Vida**. São Paulo, 2016.

FABBRO, Márcia Regina C.; JOSÉ, R. M. Heloani. **Mulher, maternidade e trabalho acadêmico**. Investigación y Educación en Enfermería. Medellín, Vol. 28 No.2. Julio 2010.

FARIA Juliana Toledo de. **A Maternidade: A Construção de Um Novo Papel Na Vida da Mulher**: br.monografias.com ,2015.

FILHO, Amílcar Torrrão. **Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam**. Cadernos pagu (24), janeiro-junho de 2005, pp.127-152.

FLICK, Uwe. **Introdução a Metodologia de Pesquisa: um guia para iniciantes**. Tradução: Magda Lopes; revisão técnica: Dirceu da Silva. Porto Alegre: Penso, 2013.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**.3.ed- Porto Alegre:Atmed, 2009.

FRANÇA, Thaís. **Mulheres, Imigrantes e Acadêmicas: Teorias da Interseccionalidade para Pensar a Mobilidade Científica**. TOMO. N. 28 JAN. 2016

GROSSI, Miriam Pillar. **Identidade de gênero e sexualidade**. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, 1999.

GUIMARÃES, António Sérgio. **Formações Nacionais de Classes e Raças**. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 28, n. 2016.

GUIMARÃES, António Sérgio. **Preconceito racial: modos, temas e tempos**. São Paulo, Cortez, 2008, 144 pp.

GUIMARÃES. Antônio Sergio. **Racismo e antirracismo no Brasil**. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo. Ed. 34. 1999.

KARNER, C. **Ethnicity and everyday life**. Londres: Routledge, 2007.

LAMEIRAS, Anabela Antão. **Desterritorialização e reorganização das geografias pessoais: o caso do desemprego. Ensaio metodológico**. Universidade de Coimbra ,2013.

MOURA, Jónata Ferreira de\*; NARACATO, Adair Mendes. **A entrevista narrativa: dispositivo de produção e análise de dados sobre trajetórias de professoras**. Cad. Pes. São Luís, v. 24, n. 1, jan./abr, 2017.

MUNANGA, Cabengele. **Uma Abordagem Conceitual das Noções de Raça, Racismo, Identidade e etnia.** São Paulo- USP, 2013.

MUNGOI, Dulce M. D. Chele João. **Ressignificando identidades: um estudo antropológico sobre experiências migratórias dos estudantes africanos no Brasil.** Rev. Inter. Mob. Hum. Brasília, Ano XX, Nº 38, p. 125-139, jun. 2012.

MUYLAERT, C. Junqueira(Org.) et alii. **Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa.** Rev Esc Enferm USP 2014; 48(Esp2):193-199 [www.ee.usp.br/reecusp](http://www.ee.usp.br/reecusp).

NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo.** Petrópolis: Vozes, 1980.

NOGUEIRA, Guilherme Dantas. **Olhares sobre raça, etnia e desigualdades.** Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico Brasil,2015.

OLIVEIRA, V. Mendes de\*. **Turismo, Território e Modernidade: Um Estudo da População Indígena Krahô, Estado do Tocantins (Amazônia Legal Brasileira).** São Paulo-SP.2006.

OMOLADE, Barbara. **The Rising Song of African American Women.** New York. Routledge, 1994.

PARKER, Laurence; ROBERTS, Lorna. **Teoria Crítica da Raça e seu uso na pesquisa em ciências Sociais: teoria e métodos de pesquisa social.** Bridget Sometk Cathy Lewin(orgs)-metrópoles RJ: vozes, 2015.p121-130.

PINTO, BANUMA A. CAETANO. **Empreendedorismo feminino como estratégia de combate à pobreza entre mulheres Mancanhãs de Guiné-Bissau,**2018.

PRAUN, A. Gonçalves. **Sexualidade, gênero e suas relações de poder.** Revista Húmus - ISSN: 2236-4358,2011

RAMOS, Arthur. **As culturas negras no Novo Mundo.** 3. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.

RAMOS, Daniela Peixoto. **A família e a maternidade como referências para pensar a política.** Rev. Bras. Ciênc. Polít.2015.

REIS, Stefani Angeles Souza. **Ser mãe na universidade: uma análise da percepção de alunas gestantes e nutrizas acerca das políticas de assistência social de uma IFES.** Mariana – MG 2017.

RIBEIRO, Djamila. **Feminismo negro para um novo marco civilizatório.** SUR 24 - v.13 n.24. 99 - 104 | 2016

SANTOS, Juliana Anacleto dos. **Desigualdade Social e o Conceito de Gênero.** Educação, 2012.

SCAVONE, L. **Dar a vida e cuidar da vida: feminismo e ciências sociais.** São Paulo: UNESP; 2004. p. 144.

SCAVONE, L. **Motherhood: transformation in the family and in gender relations.** Interface \_ Comunic, Saúde, Educ, v.5, n.8, p.47-60, 2001.

SCAVONE, Lucila. **A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais.** Cadernos pagu (16) 2001: pp.137-150. Recebido para publicação em novembro de 2001.

SCAVONE, Lucila. **Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero.** Comunic, Saúde, Educ, v.5, n.8, p.47-60, 2001.

SCOTT, Joan W. **Estudos Feministas.** Florianópolis, 13(1): 216, janeiro-abril/2005

SILVA, Maria Aparecida Lima; SOARES, Rafael Lima Silva. **Reflexões sobre os conceitos de raça e etnia.** Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Entrelaçando - Revista Eletrônica de Culturas e Educação, Caderno Temático: Educação e Africanidades N. 4 p. 99-115, Ano 2 (novembro/2011) ISSN 2179.8443.

SIMMEL, Georg. **O estrangeiro.** *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 4, n. 12, p. 265, 2005.

STRAUSS, Anselm. CORBIN, Juliet. **Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

URPIA, Ana Maria de Oliveira. **Tornar-se mãe no contexto acadêmico: narrativas de um self participante.** Salvador, 2009.

URPIA, Ana Maria de Oliveira; SAMPAIO, Sônia Maria Rocha. **Mães e universitárias transitando para a vida adulta.** EDUFBA, 2011, pp. 145-168. ISBN 978-85-232-1211-7. Available from SciELO Books

URPIA, Ana Maria de Oliveira; SAMPAIO, Sonia Maria Rocha. **Tornar-se mãe no contexto acadêmico: dilemas da conciliação maternidade - Vida universitária.** Revista do Centro de Artes, Humanidades e Letras vol. 3 (2) 2009

WALKER, Alice. **In Search of Our Mothers' Gardens.** New York, Harcourt, Brace Jovanovich, 1983.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** São Paulo: Martin Claret, 2003. (Coleção A Obra-Prima de Cada Autor).